

A PRESENÇA DE JOÃO CABRAL EM VIAVÁRIA, DE IACYR ANDERSON FREITAS

Prof. Dr. Paulo Andrade (UNESP/Assis)ⁱ

Resumo:

Um dos pontos de convergência entre a obra de Iacyr Anderson Freitas e a de João Cabral de Melo Neto consiste na relação entre o fazer poético e a consciência crítica da realidade. Esta comunicação tem como objetivo analisar a herança cabralina em dois poemas (“João Cabral: o método em visita” e “João Cabral visita o Cemitério Municipal de Juiz de Fora”) publicados em Viavária (2010), de Iacyr Anderson Freitas. Pretendemos mostrar como o poeta mineiro assume a voz do mestre pernambucano, mimetizando, em sua poética de contenção e concretude, os procedimentos técnicos do modernista revisitado.

Palavras-chave: poesia contemporânea, literatura comparada, Iacyr Anderson Freitas, João Cabral de Melo Neto, intertextualidade.

1 Introdução

Uma tendência já decantada pela crítica é o diálogo, às vezes, problemático, entre o elogio e a suspeita com a tradição por meio de bricolagem intertextual, exigindo um leitor equipado com um arsenal de referências, que remontam a pintores, telas, a autores, citações, alusões de toda ordem. Se este diálogo é imanente à lógica do discurso da modernidade e do próprio modernismo, tornou-se um *topos* sintomático, a partir dos anos 80. É essa “retradicionização” da poesia pós anos 1980, sem confrontá-la com o presente, que leva Iumna Simon (1999) a criticar a falta de negatividade, de questionamento e transgressão na poesia do final do século XX.

Em poetas contemporâneos já consolidados, como Armando Freitas Filho, Sebastião Uchoa Leite, José Paulo Paes, para citar alguns nomes, a forte dicção de Manuel Bandeira, João Cabral de Melo e Carlos Drummond de Andrade, o epicentro da poesia brasileira, projeta-se de modo mais conflituoso, provocando tensões, entre o elogio e a suspeita, alianças e rupturas. No entanto, na produção mais recente a incorporação da tradição não busca, nesta dimensão, a tensão polêmica.

2 O método em visita

Em *Viavária* (2010), livro mais recente de Iacyr Anderson Silva, o leitor reconhece o ressoar da voz do poeta pernambucano, no uso das quadras, no estilo descritivo e prosaico, na objetividade, no rigor do corte, nas formas fixas, no ritmo e na intensa capacidade de reflexão, mas, principalmente, na leitura crítica da realidade.

O poema “Viavária”, que abre o livro homônimo, funciona como preâmbulo aos vários dramas históricos e individuais, encenados em nove séries, sobre os quais o poeta transpassa tempos e espaços para denunciar que o sistema de crenças, discursos e utopias não passa de “ruína de erros”. Nesse jogo de observar com distanciamento os eventos históricos, obliquamente, sua fala insurge-se contra projetos desenvolvimentistas da modernidade burguesa, da razão e do progresso.

Portador de uma voz comprometida, o eu lírico utiliza-se da linguagem da poesia para “unir, a frio, o que o acaso dissipou”. É nesse sentido que o livro se oferece como oblação, reiterando o

forte valor de redenção da poesia. Mas, seu humanismo solidário resvala-se para a ironia, excluindo qualquer possibilidade de efusão lírica.

Essa voz ética e reflexiva, consciente de seu lugar, como sujeito histórico, posiciona-se, a um tempo, no passado e no presente, analisando os eventos históricos do país, que são filtrados pela subjetividade do poeta e transfigurados, como forma de resistência, em linguagem poética crítica. Isso posto, é possível notar na poesia de Iacyr Anderson, uma voz que ainda conserva os valores do alto modernismo.

Comentando sobre a variedade temática de *Viavária*, no prefácio, Alexei Bueno (2010, p. 12) observa que “a única coisa fixa, o centro e o cerne, é exatamente a voz” do eu lírico. De fato, a consciência crítica está constantemente armada para pôr em xeque as contradições dos discursos civilizatórios da modernidade, denunciando a presença sistemática de ciladas que, sob diferentes aspectos e desdobramentos, são sustentadas pelo discurso da razão e do saber, que o homem cria para si: “assim tão jovem me parece agora/ essa ruína de erros: céus que se movem/para a morte, que entre livros se escora” (p. 17).

O traço polissêmico do título abre-se para inúmeras possibilidades de leitura. *Viavária* pode significar desde a variedade temática, unida por profunda coerência interna, até a multiplicidade dos procedimentos técnicos: variedade de versificação, de metro, de rima, de ritmo, extraídos do vasto repertório da tradição, da qual Iacyr Anderson Freitas é profundo conhecedor.

É paradoxal que, em *Quaradouro* (2007), obra que marca os 25 anos de publicação do livro de estréia de Freitas, a sua poesia se insere numa tradição órfica, presente no modernismo brasileiro, na voz de Cecília Meireles e Jorge de Lima, e que chama a atenção de Affonso Romano Sant’Anna, que aponta o caráter de “intemporalidade” na obra do poeta mineiro:

Agora não se trata apenas do “de onde” (espaço), mas “de quando” (tempo) está reverberando essa poesia. Assim, passado-presente-futuro se fundem numa atmosfera onírica. O “onde” e o “quando” também se fundem [...]. Sendo genuinamente órfica, há na poesia de Iacyr algo de hierático, de nobre” (SANT’ANNA, 2007, p. 9)

Um traço marcante em *Viavária* é a insurreição do eu lírico contra as promessas de emancipação humana da modernidade. A voz empenhada, consciente de seu lugar, posiciona-se como sujeito que observa as transformações sociais e individuais. Tal postura manifesta-se sob diferentes aspectos e desdobramentos nas diversas partes do livro, revelando contradições e apontando o passado como fracasso ou “ruínas de erros” da história. O olhar para o passado funciona como um acerto de contas.

Se o diálogo com a voz de João Cabral de Melo Neto é presença constante no livro, no poema, “João Cabral: o método em visita” a gramática de contenção, precisão e concretude do mestre pernambucano se revela em todo vigor. Num gesto de claro elogio, ressaltam os recursos técnicos do mestre revisitado:

Ser ao revés da cana:
Algo que não se dobra.
Se o verso nos engana,
Mudá-lo quando em obra.

Trazê-lo ao rés da fala,
Sempre a menos garbosa.
Se o verso tudo embala,
Fazer, em verso, prosa.

Para a cal de seu canto,
Melhor outra demão:

Para não cantar tanto
Quando em exposição.

Que seja cal somente.
Pura, ácida, branca.
E, quando se apresente,
Seja o que não se estanca

Em tais frases de efeito,
Que mal servem de aceiro:
Separam em mil leitões
O que é de corpo inteiro.

(FREITAS, 2010, p. 69)

A concepção de verso enquanto construção se realiza no desnudamento do processo de sua composição, expondo a maquinaria e o material de que é feito. Utilizando o método cabralino de comparar pela oposição (“ser ao revés da cana/algo que não se dobra”), o que se pretende é, ao contrário da poética de Armando Freitas Filho, o total “controle do discurso”, como observa Antonio Carlos Secchin (1985, p. 133), a respeito da escrita cabralina.

Ao submeter o verso à dobra, o poeta expõe o seu domínio técnico sobre o impulso do canto, que tende ao transbordamento. Lição ensinada por João Cabral, principalmente em “Ferrageiro de Carmona”, publicado em *Crime na calle Relator* (1985-1987), no qual concebe a arte como enfretamento físico com o objeto:

Só trabalho em ferro forjado
que é quando se trabalha ferro;
então, corpo a corpo com ele.
domo-o, dobro-o, até onde quero. (MELO NETO, 1994, p.595)

Ferro forjado exige a “queda de braço /e o cara a cara de uma forja” (id., ibid.). O procedimento é semelhante às esculturas de chapa de ferro de Amílcar de Castro, que são cortadas, dobradas e torcidas, fazendo com que a nova forma exiba o esforço técnico do artista.

Viavária dialoga, de modo oblíquo, como muitos poemas de *Quaderna*, sobretudo com “A palo seco”, “poema-lema de todo o poetar cabralino, em sua dureza e em sua enxutez, em seu cortante laconismo” como sintetiza Haroldo de Campos (apud BARBOSA, 1975, p. 159).

Se diz a palo *seco*
O *cante* sem guitarra;
O *cante* sem; o *cante*;
O *cante* sem mais nada;

Se diz a palo *seco*
A esse *cante* despido:
Ao *cante* que se canta
Sob o silêncio a pino (MELO NETO, 1994, p. 247)

Neste canto “a palo seco” afinam-se as semelhanças entre os dois poetas: versos de seis sílabas, a concretude dos referentes e o prosaico descritivo, por “empregar o seco/porque é mais contundente” (id. p. 251) e por desemplumar a linguagem, trazendo o verso ao “rés da fala”. Iacyr Anderson persegue o recurso de “subtração” ou de “depuração” (SECCHIN, 1982) ou de uma

“linguagem de carência (BARBOSA, 1975, p. 163), para utilizar expressões criadas a fim de definir a poética cabralina. Em “A palo seco” a linguagem da carência se figurativiza na paisagem, nas “paredes caídas”, por exemplo. Por sua vez, Iacyr busca depurar ainda mais o seu canto, por isso aconselha “outra demão” da cal, mas adverte: “Que seja cal somente./Pura, ácida, branca”.

2.1 Ética e estética

O poeta mineiro atinge um alto grau de construção formal sem perder de vista a referência que lhe interessa: a realidade histórica do homem. Uma sofisticação técnica que não impede a comunicação, como defende João Cabral no ensaio “Da função moderna da poesia”.

O poeta moderno, que vive no individualismo mais exacerbado, sacrifica ao bem da expressão a intenção de se comunicar. [...] Apesar de os poetas terem logrado inventar o verso e a linguagem que a vida moderna estava a exigir, a verdade é que não conseguiram manter ou descobrir os tipos, gêneros ou formas de poemas dentro dos quais organizassem os materiais de sua expressão, a fim de tornarem-na capaz de entrar em comunicação com os homens nas condições que a vida social lhes impõe modernamente. (MELO NETO, 1994, p. 768-9)

É recorrente em *Viavária* um sentimento de decepção, que é abordado por meio de diferentes temas e enfoques, em relação aos projetos da modernidade. Este sentimento de promessa não cumprida encontra-se disseminada em recorrentes imagens que levam a um mesmo campo semântico: naufrágio (“onde navegações, um só naufrágio/em que pouco do mundo se salvara”) (p.18), cilada, morte, doença. Antes de tudo, este é um livro sobre o fracasso, sobre tempos de desencanto, tanto com o passado, quanto com o presente.

Em “Das cidades em fuga”, o poeta aborda a questão da cidade – símbolo do esforço da civilização e das ações transformadoras da cultura – que tem a Natureza como origem e fundamento. Se o homem é construído pela cultura, ele, por sua vez é parte constituinte da natureza, como diz em “entrever o já visto”:

Cidades não se fazem
com nenhum improviso.
O que parece vago
teve traço preciso.

[...]
Só o fluxo, a rotina
De entrever o já visto
E dele retirar
Até o último cisto.

As cidades não fundam
As cidades que alinham:
Fazem-nas com o barro
Que elas mesmas continham. (FREITAS, 2010, p. 21)

As transformações advindas das experiências da modernidade — e as cidades estão relacionadas com tais experiências — não podem romper com o passado, porque ele é inerente às transformações do moderno. Se, pensando com Maria Cecília Pinto (2004, p. 226), ao surgir, a cidade preserva sua memória, “marca humana do permanente ao lado da criação original, cujo

processo de conservação é o renovar-se por ciclos, na imagem perfeita da roda”, o discurso desenvolvimentista, que busca apagar o passado, por meio da transformação da natureza, na permanente busca do novo, é mais um erro anunciado, como se vê em “Armadilha”:

Se nenhuma cidade
chegou a ser criada
sem antes um passado
lhe servir de calçada,

Se nenhuma chegou
a gerar-se do nada,
pois outras mil cidades
lhe cederam morada,

então a labuta
talvez esteja errada
e o que vemos no mapa
seja apenas uma cilada:

Armadilha de quem,
Ao dar sua cartada,
Pensa fundar a terra
Que lhe serviu de estrada (idem, p. 22)

Insistindo na permanência da tradição no interior da modernidade, mesmo que ela se dê como memória, fragmentos de mosaico ou como rastro, a voz lírica nos lembra que povos ancestrais (“turcos, árabes, sírios, espanhóis, coreanos”) trazem na “bagagem/ um colar de cidades/ que ficaram à margem”). As cidades funcionam como palimpsestos (“Uma cidade feita/de cidades em fuga”), como diz o verso de “Os terrores mudados” (p. 25).

3 Desencanto e fracasso

Na base, o alvo a ser atingido é a crença na permanente ruptura que deslegitima a tradição, como se não houvesse outros modelos ou direções a seguir. Subvertendo esta lógica, Iacyr Anderson Freitas expõe as lacunas de tal discurso como se fossem apenas modos de “entrever o já visto”.

A “ruína de erros” anunciada na primeira parte da obra radicaliza-se na série “Quilombo”, na qual a voz lírica denuncia a truculência dos bandeirantes, no século XVII, ampliando o raio de ação da voz crítica. Os treze poemas da série narram os planos do diabólico Domingos Jorge Velho, responsável pelo aniquilamento dos negros do Quilombo dos Palmares, em 1695: distribuiu “entre os escravos roupas de homens mortos pela varíola” e, em seguida, facilitando a fuga, deu a eles condições para que fossem se refugiar no Quilombo, contaminando, assim, toda a comunidade, conforme registro dos historiadores Luis C. A. Costa e Leonel I. A. Mello, de cujo livro, *História do Brasil*, Iacyr Anderson Freitas retira a epígrafe da série.

Este diálogo entre ética e estética é um dos pontos de convergência entre a obra de Iacyr Anderson Freitas e a de João Cabral de Melo Neto. Em vários poemas de *Viavária* a visão crítica da realidade utiliza o cenário da *urbe* contemporânea, para expor os dramas individuais, como a miséria, o alcoolismo, o sonho falido de ir para a Europa em busca de melhores condições de vida, temas que reverberam, no tempo presente, a mesma “ruína de erros”. Em muitos momentos a crítica vem acompanhada de uma acidez e um tom de desencanto irônico, como em “Ring my bell”:

O salão quase vazio,
Não mais que duas bruacas.

Ambas com o mesmo cio
Cantado no bate-estaca.

[...]
Ontem tudo foi promessa.
Agora perdeu-se o céu
Onde entrariam, sem pressa,
Na esteira de “Ring my Bell” (p. 81)

Há uma terrível disjunção entre o ritmo dançante de “Ring my Bell”, *hit* de Anita Ward, sucesso nas discotecas dos anos 1970/1980 e o cenário de solidão, flagrado pelo olhar cruel do eu lírico, que observa, com distanciamento, a cena típica de fim de noite: “duas bruacas” num salão vazio.

Seja no passado, seja no presente, (“na eternidade/em que a pista se projeta,/ali onde a dança invade/o passado e sua seta”) tudo é decadência, solidão e vazio e, antes de tudo, corrosão. O tema também se impõe, aliado à prostituição, no poema “Ceci na Via Selci, em Roma”:

Antes eu escolhia. Agora não.
Só de vez em quando sou escolhida
Noites e noites cavando o meu pão
Nos bares. Pergunto: isso é que é vida? (p. 82)

Conclusão

Como se pode observar, os poemas que compõem *Viavária* se estruturam num jogo de oposições entre construção e corrosão no plano social e humano. De certo modo, a mensagem dos poemas se aproxima do caráter contraditório da modernidade tal como foi discutido por Marshall Berman. Em sua análise da sociedade e da cultura moderna, o sociólogo afirma que ser moderno é viver num ambiente que promete “poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor” (1987, p. 15) ao mesmo tempo em que “ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (idem). E Berman completa: “a modernidade une a espécie humana, porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’”(p. 15).

A ideia de corruptibilidade, de desgaste, seja dos sistemas sociais, seja dos seres humanos, presente em *Viavária*, é muito semelhante ao que João Cabral formaliza em *Paisagens com cupim*:

[...]

Por fora o manchado reboco
Vai-se afrouxando, mais poroso,
Enquanto o desfaz-se. Intestina,
O que era parede, em farinha.

E se não se gasta com choque,
Mas de dentro, tampouco explode.
Tudo ali sofre a morte mansa
Do que não quebra, se desmancha. (1994, p.235)
[...]

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, J. A. *A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- BERMAN, M. Modernidade ontem, hoje, amanhã. In: _____. *Tudo que é sólido desmancha no ar*; a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 15-33.
- BUENO, A. Prefácio. In: FREITAS, Iacyr. A. *Viavária*. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa, 2010. p. 11-14..
- FREITAS, I. A. *Viavária*. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa, 2010.
- PINTO, M. C. de M. Charles Baudelaire, poeta da cidade moderna. In: BARBOSA, S. (Org.). *Tempo, espaço e utopia nas cidades*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Araraquara: Laboratório Editorial Unesp, 2004. p. 226.
- MELO NETO, J. C. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 767-770.
- SANT'ANNA, A. R. de. Um sopro poético In: FREITAS, I. A. *Quaradouro*. Nankin; Juiz de Fora: Funalfa, 2007. p. 9-10.
- SECCHIN, A. C. *João Cabral: a poesia do menos*. São Paulo: Duas cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- SIMON, I. Considerações sobre a poesia brasileira em fim de século. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 55. São Paulo, nov. 1999.

i **Paulo ANDRADE, Prof. Dr.**

Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis)

Departamento de Literatura

paulosax2@hotmail.com